

## Leitura no oeste: talvez rudimentar, mas não selvagem

João Luís Ceccantini

Rony Farto Pereira

UNESP

O projeto “Literatura na Escola: Espaços e Contextos – a Realidade Brasileira e Portuguesa”, em que se insere o estudo aqui apresentado, tem por objetivo geral pesquisar a relação de estudantes do Ensino Fundamental de escolas públicas do Oeste Paulista com a língua materna, considerada em três dimensões: leitura e compreensão de textos, produção de textos e reflexão sobre os conhecimentos lingüísticos. O projeto, que vem sendo desenvolvido desde 2006, conta com financiamento da FAPESP e do CNPq e é coordenado pela Professora Renata Junqueira de Souza (UNESP – Faculdade de Ciências e Tecnologia).

Na fase da pesquisa aqui contemplada, de caráter mais qualitativo e vertical, são analisadas e discutidas algumas representações e práticas de leitura de uma amostra significativa do total de estudantes investigados pelo projeto, coletadas em entrevistas semi-estruturadas com alunos de 4º e 7º anos de escolas municipais e estaduais de Assis, Marília e Presidente Prudente, região que abriga três dos *campi* da UNESP no interior do Estado de São Paulo.

Na primeira fase da pesquisa, foram objeto de investigação 27 escolas em Assis, 37 em Marília e 53 em Presidente Prudente, somando ao todo 117 escolas, predominando o enfoque quantitativo na coleta de dados e análises, conforme registrado nos relatórios científicos enviados à FAPESP e ao CNPq, no primeiro semestre de 2007. Já nesta segunda etapa da investigação, correspondente ao segundo semestre de 2007 e ao primeiro semestre de 2008, foram pesquisadas em maior profundidade aproximadamente 10% das escolas antes investigadas, selecionadas agora por dois critérios: 1. indicadores positivos ou negativos; 2. localização em bairros de configuração social diversificada. Os trabalhos de pesquisa concentraram-se, para cada cidade, em quatro escolas, sendo duas municipais e duas estaduais, abordando nas municipais uma turma de 4º ano e nas estaduais uma de 7º ano, num total de

doze turmas investigadas qualitativamente, configurando um universo de cerca de 400 estudantes.

O passo inicial da pesquisa foi o de realização de entrevistas semi-estruturadas com pais, professores e alunos. Com os dados dos alunos, foi possível ensaiar aqui uma primeira análise de valores, variáveis e inferências com relação aos materiais de leitura a que as crianças e jovens têm acesso e a seus modos de ler. Nesta segunda etapa, de caráter qualitativo, procuramos compreender melhor a posição dos sujeitos da recepção das obras implicadas em nosso projeto, prosseguindo na intenção de “escutar” não apenas a fala pessoal das crianças e adolescentes, mas os suspiros, as hesitações e as incertezas que perpassam suas palavras, para compor um quadro mais humano de suas práticas de leitura.

Vale a pena começar pelas falas que focalizam seu gosto por ler. Na primeira fase, pudemos perceber que 87,5% afirmavam gostar de ler. E, de fato, as entrevistas desta segunda fase apresentaram depoimentos espontaneamente tocantes, nas várias cidades de desenvolvimento do Projeto, que enaltecem a atividade de leitura e fornecem informações sobre seu conteúdo:

(1)

Entrevistador – você gosta de ler?

Aluno – gosto

Ent. – e que tipo de livro você gosta de ler

Al. – ah... de história e de quadrinho e poesia

(...)

Ent. – qual foi o último livro que você leu?

Al. – eu tô lendo um livro agora... é *O aprendiz*

Ent. – você lembra o nome do autor?

Al. – não... eu não sou muito de olhar o nome do autor

Ent. – a tá... e tem algum livro que você gostou muito de ler?

Al. – tem... chama *Poesia livre*

Ent. – e você também não lembra o nome do autor?

Al. – não

(Escola Amilcare Mattei, aluna Jéssica, 11 anos)

(2)

Ent. – você gosta de ler?

Al. – gosto

Ent. – que que você gosta de ler?

Al. – aquele livro lá do *Sítio do Picapau Amarelo* já li quatro versão diferente

Ent. – é? você gosta do Monteiro Lobato?

Al. – ((faz som de afirmação))

Ent. – e que... que você gosta nesses livros?

Al. – do jeito que conta... do jeito que é a história... das coisa que eles faz lá dos personagens

Ent. – e você leu outros livros que não sejam do picapau amarelo?

Al. – ((faz som de afirmação))  
 Ent. – que... que você gosta de lê?  
 Al. – a tem uns livro que eu gosto de lê com poucas coisa tem uns que tem bastante que é legal também  
 Ent. – tem algum nome de livro que você lembre ou a historinha mais ou menos?  
 Al. – *Um milhão de dólares*  
 Ent. – sobre o que que falava esse livro  
 Al. – sobre um menino que achava um milhão de dólares... e fazia de tudo pra achar ( )  
 Ent. – e você gosta dessa história?  
 Al. – ((faz som de afirmação))  
 Ent. – por que que ela foi importante pra você?  
 Al. – pra sabe como cuida das coisa... administra, guarda  
 Ent. – quando você lê... você lê porque motivo?...porque alguém pediu pra você lê porque você quer lê?...pra trabalho de escola?  
 Al. – porque eu quero... as vezes é pra trabalho de escola (...)  
 Ent. – qual foi o último livro que você leu?  
 Al. – o último?...não lembro... o ultimo livro que eu li...Jair Vitória  
 Ent. – da porquinha preta?  
 Al. – é  
 Ent. – você lembra mais ou menos como era o livro do jeito que lê era escrito?  
 Al. – não lembro  
 Ent. – você tem algum autor que você gosta muito de lê?  
 Al. – Ziraldo  
 Ent. – por quê? que... que ele tem de diferente que você gosta muito dele?  
 Al. – as história do menino maluquinho  
 Ent. – o que você gosta nela que é diferente das outras?  
 Al. – que ele faz cada coisa apronta um monte... um monte de coisa uma panela na cabeça  
 (Escola Arruda Melo, aluno Fabrício, 13 anos)

(3)

Ent.- e você gosta de ler?  
 Al.- gosto  
 Ent.-gosta? que... que você gosta assim de ler?  
 Al.- ah eu gosto de lê aventura  
 Ent.- ahn  
 Al.- ah... eu gosto de lê um monte de livro  
 Ent.- e cê lembra do último livro que você leu?  
 Al.- do último que eu li...  
 Ent.- Ahn  
 Al.- foi ação, foi ação  
 Ent.- foi de ação? Por que... que cê leu livro de ação?  
 Al.- ai... (risos)  
 Ent.- cê viu e gostou?  
 Al.- é  
 Ent.- é? então tá bom... e cê tem algum autor predileto?  
 Al.- ah... uhn...  
 Ent.- não?  
 Al.- não  
 (Escola Lea Rosa, aluna Andressa, 11 anos)

(4)

Ent. – e você gosta de ler?  
 Al. – gosto... gosto muito  
 Ent. – e o que você gosta de ler?

Al. – eu gosto de ler livros...  
 Ent. – que tipo de livro?  
 Al. – assim... qual o livro que eu mais gosto de ler é do Monteiro Lobato...  
 Ent. – qual história você gosta de ler?  
 Al. – eu já li muitas vezes a Emília... que é muito legalzinho  
 Ent. – ah você gosta de ler o livro da Emília... e quando você leu?  
 Al. – foi... foi ontem também... eu li...  
 Ent. – você lembra qual foi o último livro que você leu?  
 Al. – não...  
 Ent. – foi do Monteiro Lobato?  
 Al. – foi...  
 Ent. – e por que você escolheu os livros dele?  
 Al. – porque eu acho muito legal... as histórias infantil...  
 Ent. – e você lembra o que falava a última história?  
 Al. – não...  
 Ent. – que foi importante no que você leu?  
 Al. – que foi muito importante... é sobre respeitar os pais... que a Emília desrespeitava a dona Anastácia... que apareceu o anjinho mau dela... que ficou cutucando... aí ela ajudou os pais pediu desculpa... eu achei muito interessante...  
 Ent. – e o seu autor predileto é o Monteiro Lobato?  
 Al. – é...  
 Ent. – e tem mais outro?  
 Al. – não...  
 (...)  
 Ent. – tem alguma história assim que você mais gosta?  
 Al. – não... todas são as que eu mais gosto...

(5)  
 Ent. – você gosta de ler?  
 Al. – gosto  
 Ent. – gosta? uhn... o que você gosta de ler?  
 Al. – histórias  
 Ent. – histórias... que tipo de histórias?  
 Al. – xixi... conto de fadas  
 Ent. – conto de fadas? qual assim você gosta de ler?  
 Al. – *Chapeuzinho Vermelho... Os três porquinhos... Pinóquio*  
 Ent. – eh? uhn... e assim você gosta deste tipo de história só de contos de fadas ou você lê gibi... revista... jornal?  
 Al. – gibi... (eu) leio também gibi  
 Ent. – lê gibi?  
 Al. – leio  
 Ent. –  $\left\{ \begin{array}{l} \textit{Turma da Mônica} \text{ ou outro?} \\ \textit{Turma da Mônica} \end{array} \right.$   
 Ent. – você gosta então de ler gibi?  
 Al. – gosto  
 Ent. – e assim essas leituras... você acha importante para você?  
 Al. – eh  
 Ent. – eh? qual o último livro que você leu? você lembra? historinha?  
 Al. – *Turma da Mônica*  
 Ent. – *Turma da Mônica*?  
 Al. – eh  
 (...)  
 Ent. – e assim você conhece os autores?  
 Al. – não... do conto de fadas eu não sei... só sei de gibi  
 Ent. –  $\left. \begin{array}{l} \text{Maurício de Souza} \\ \text{perdão... como chama?} \end{array} \right\}$   
 Ent. – Maurício de Sousa? você gosta dele então?  
 Al. – gosto.  
 Ent. – e assim de livros você não conhece algum autor?  $\left. \begin{array}{l} \text{e você lembra algum?} \\ \text{de livro?} \end{array} \right\}$

não ouviu falar?

Al. –

Al. – *Pinóquio*

Ent. – quem mais? um autor... quem escreveu o livro... você lembra?

Al. – nunum

(Escola Juraci Menezes Peralta, aluno Alexandre, 9 anos)

(6)

Ent. – você gosta de ler?

Al. – gosto de ler os livros de historinha, *A Bela Adormecida*

Ent. – qual o último livro lido? qual era o autor?

Al. – o “da” *Bela Adormecida* era uma princesa que morava num castelo e aí veio uma bruxa malvada e fez ela furar o dedo na roca e veio um príncipe lindo e a beijou com carinho

Ent. – você tem algum autor predileto?

Al. – os que escrevem estas histórias e não lembro o nome agora

(Escola Olímpio Cruz, aluna Letícia, 9 anos)

(7)

Ent. – você gosta de ler?

Al. – gosto

Ent. – qual o último livro lido?

Al. – *Marcelo, marmelo, martelo*

Ent. – você tem algum autor preferido? qual?

Al. – Ruth Rocha

(Escola Américo Capelozza, aluno Lucas, 10 anos)

De um lado, chama a atenção, no conjunto de dados analisados, como muitos estudantes expressam seu gosto pela leitura, em diversas manifestações em que se reitera esse gosto, sugerindo sinceridade e espontaneidade nas respostas, para além da intenção de oferecer aos entrevistadores um discurso ensaiado de “amor à leitura” que os alunos poderiam imaginar que estes quisessem ouvir. Deve-se salientar, por exemplo, a voluntária ênfase do sujeito presente em (4), ao garantir que “gosta muito” de ler. Assim, ao contrário do que se afirma, com base em perigoso preconceito arraigado especialmente pelos meios escolares, certos alunos conhecem os autores e até elegem seus preferidos, como o próprio menino abordado em (4), para quem o predileto é Monteiro Lobato, e o questionado em (7), que cita Ruth Rocha.

Por outro lado, não se pode perder de vista que, no discurso desses mesmos alunos, há alguns índices que apontam para o que Singly chama de comportamentos típicos de “leitores não cultivados” (1989), não se verificando o desenvolvimento pleno da “sensibilidade para o campo literário”, revelada em leitores mais maduros e que se expressa, por exemplo, na capacidade de um leitor memorizar o nome das obras que lê, de eleger autores específicos de sua

preferência, de atentar para peculiaridades da edição lida, de dar especial atenção ao paratexto, às ilustrações da obra e à sua autoria. E vale dizer que a esses comportamentos observados em “leitores não cultivados” costumam estar associados problemas como o da dificuldade de levantar informações objetivas de uma dada obra ou, no caso específico da narrativa literária, de conseguir reproduzir, seja de modo mais sintético, seja com alguma riqueza de detalhes, o enredo de uma determinada narrativa.

Outro aspecto positivo digno de nota, nessa ligeira amostra, é o de uma salutar diversificação dos gêneros com os quais os estudantes se identificam, nessa fase da vida: histórias em quadrinhos (1 e 5) e poemas (1), livros de aventuras e de ação (3), contos de fadas (5). Ao mesmo tempo, começa a ganhar contornos definidos a finalidade precípua atribuída por muitos educadores à literatura infanto-juvenil, ainda que não seja a ela imanente, revelando-se introjetada por outros tantos estudantes: *ensinar algo* (cf. 2 e 4). Na seqüência de depoimentos, novos gêneros ou subgêneros surgirão, como os livros de terror ou suspense (9) e os mangás (10).

Outros estudantes se dividem entre os que gostam “mais ou menos” e os que “não gostam”; sobre os primeiros, há a opinião sincera de alguns, ressaltando-se que, em algumas situações, os próprios alunos fazem ressalvas – como em (8), quando o estudante diz preferir livros mais extensos, na contramão do que se costuma afirmar, negando o lugar-comum de que os jovens leitores de hoje só gostam de obras curtas, aliás, afirmação que também foi negada pelo fenômeno Harry Potter, contradizendo reiteradamente a exclusiva preferência pelas narrativas breves, como demonstrou o sucesso obtido com a publicação dos sete alentados volumes que compõem a série.

(8)

Al. – gosto, mais ou menos

Ent. – por que mais ou menos? o que tem de ruim que você não gosta?

Al. – é que tem livro que eu leio, leio e acaba rapidinho e no final eu não entendo quase nada

Ent. – então se livro for muito curto, você não gosta por que você não entende nada, por que a história é muito simples assim? então você gosta de livro grosso? mais grosso?

Al. – é..é...

(A. de Baptista, aluno Vinicius, 10 anos)

(9)

Ent. – [...] eu queria saber se você gosta de ler?

Al. – mais ou menos...  
 Ent. – e o que você gosta de ler?  
 Al. – é ficção... terror...  
 Ent. – e filme de terror você também gosta?  
 Al. – gosto eu tenho um monte lá em casa...  
 Ent. – por que você prefere esses livros assim?  
 Al. – porque são legais... e você aprende sobre o autor...  
 Ent. – por que você gosta bastante desses livros de terror?  
 Al. – ah porque tem morte  
 (...)  
 Ent. – e você lembra qual foi o último livro que você leu?  
 Al. – não... o nome é esquisito... ah eu não lembro nada...  
 Ent. – nem da história e dos personagens?  
 Al. – não  
 Ent. – faz quanto tempo que você leu?  
 Al. – faz mais ou menos um mês... ah falava sobre um rei que os cavaleiros dele mandava matar as pessoas... e pagava dinheiro e o nome eu não lembro mesmo...  
 Ent. – e era um livro de suspense?  
 Al. – é  
 Ent. – e por que você escolheu esse livro?  
 Al. – ah eu olhei a capa e gostei...  
 Ent. – e esse livro foi importante pra você?  
 Al. – mais ou menos...  
 (Escola Ana Antônia, aluno William)

Em (10), o estudante começa por declarar que não gosta muito de ler, salvo alguns gêneros, porém acaba por oferecer um belo conceito de leitura:

(10)  
 Ent. – tá bom então, Bruno... e leitura... você gosta de ler?  
 Al. – ah... livro eu não gosto muito não... mas gibi... mangá... assim... eu gosto  
 Ent. – não gosta muito de livro por quê?  
 Al. – não me apego muito  
 Ent. – não?  
 Al. – não  
 Ent. – tá bom então... e você lembra qual o último livro que você leu ou o último gibi?  
 Al. – foi... *Cavaleiros do Zodíaco*  
 Ent. – é? que que contava mais ou menos?  
 Al. – do... que o cavaleiro do dragão ele... ele tava guardando o ... o ... ai esqueci o nome... a armadura dele nas costas mas só que.. mas só que aí ele... ele morreu numa...luta  
 Ent. – é? tá... e você lembra quem que escreveu ou não?  
 Al. – não  
 Ent. – e você tem algum autor... assim... que você goste?  
 Al. – Monteiro Lobato  
 Ent. – Monteiro Lobato... quê que você já leu do Monteiro Lobato?  
 Al. – é... *Sítio do Picapau Amarelo*  
 Ent. – é?  
 Al. – tem bastante só que eu não sei (o nome)  
 Ent. – você lembra um pedacinho... assim?  
 Al. – ah... tem os gibi lá que eu leio lá que a escola já deram pra nós ler já... dos alimento essas coisa  
 Ent. – é? tá bom então... e o quê que é ler pra você?  
 Al. – entrar num mundo de histórias  
 Ent. – entrar num mundo de histórias? por que... assim?  
 Al. – porque quando você vai ler... assim... você (fica fora)... você viaja... aí fica mais gostoso quando você tá lendo

(Escola Cleophânia Galvão da Silva, aluno Bruno, 12 anos, grifos nossos)

Também há certos alunos que assumem não gostar de ler, aparentemente sem culpa. Em (11), por exemplo, o aluno ressalva que não gosta de ler “pra todo mundo”, mas que, quando está sozinho com o livro, ele então gosta de ler:

(11)  
 Ent. – e você gosta de ler?  
 Al. – não  
 Ent. – não gosta de ler?  
 Al. – não  
 Ent. – por que não?  
 Al. – porque é ruim  
 Ent. – ruim... por que é ruim?  
 Al. – ah... não gosto fico com vergonha  
 Ent. – fica com vergonha de lê?  
 Al. – e  
 Ent. – por que fica com vergonha é... é só o livro e você?  
 Al. – ah mas tem que ler pra todo mundo depois  
 Ent. – ah você não gosta de ler pra todo mundo  
 Al. – é  
 Ent. – e sozinho, só você e o livro, você gosta de ler?  
 Al. – gosto  
 Ent. – que historia você gosta de ler?  
 Al. – da *Turma da Mônica*  
 Ent. – *Turma da Mônica*, você gosta de ler gibi  
 Al. – é  
 Ent. – qual foi o último livro que você leu?  
 Al. – esqueci o nome... ah acabei de ler...esqueci o nome  
 Ent. – não lembra? E o autor você lembra?  
 Al. – não  
 Ent. – falava sobre o que a historinha?  
 Al. – ah falava dos piratas  
 Ent. – dos piratas?  
 Al. – é  
 Ent. – é grande é pequeno?  
 Al. – grande  
 Ent. – e você gostou do livro?  
 Al. – gostei  
 Ent. – você leu só pra você?  
 Al. – é  
 Ent. – você tem algum autor predileto que você goste?  
 Al. – do Vinicius de Moraes  
 Ent. – você gosta do Vinicius de Moraes e você lê bastante coisa dele? que... que você mais lê dele?  
 Al. – *Sítio do Picapau*  
 (Escola João Leão, aluno Matheus, 10 anos)

Certo descompromisso com a leitura ou com a memória, característica de muitos estudantes da contemporaneidade, explica o descompasso anotado em (11), quando o menino relaciona seu autor predileto, Vinicius de Moraes, com o *Sítio do Picapau Amarelo*. Na verdade, essa aparente contradição pode



ser explicada pelos argumentos que Sales utiliza, comentando pesquisa realizada em Mato Grosso do Sul:

A pouca convicção estética presente nas respostas obtidas e a frequência com que é mencionado o seriado da Rede Globo levam-nos a afirmar que há um bom tempo Monteiro Lobato é muito mais visto e encenado do que lido. Muitos estudiosos, aliás, quando se referem a Monteiro Lobato para crianças, são categóricos em afirmar que devemos esquecer o Sítio do Picapau Amarelo da televisão. (SALES, 2006, p. 145-146)

Por outro lado, em alguns casos, parece relevante o exemplo dos pais, que, ao lerem, entusiasmam seus filhos, como aponta o seguinte trecho:

(12)  
 Ent. – os dois lêem?  
 Al. – (hum)... lêem bastante  
 Ent. – você vê eles lendo em casa? o que eles lêem?  
 Al. – lê... livro, jornal  
 Ent. – livro... que livro que eles lêem?  
 Al. – minha mãe lê... ela gosta de lê, esse livros de romance ou bíblia  
 Ent. – e seu pai?  
 Al. – meu pai lê jornal, ou coisa de futebol  
 Ent. – que horas que você vê eles lendo? geralmente...  
 Al. – ah... quando meu pai chega do trabalho ele lê. Minha mãe? é... quando chego da escola ela também lê  
 (A. de Baptista, aluno Vinicius, 10 anos)

O depoimento transcrito em (12) é significativo, corroborando certas conclusões de especialistas, para quem o modelo de leitor, seguido pelas crianças, “vem quase sempre da família” (2006, p. 60). Em cinquenta memórias de leitura examinadas, as autoras salientam que vinte e sete destacaram a figura da mãe, dezoito apontaram o pai, enquanto avô e avó apareceram em quinze delas.

A condição para gostar de um livro extrapola o nível contedudístico, segundo as crianças. O problema, às vezes, é a falta de ilustrações:

(13)  
 Ent. – por quê [não gostou]?  
 Al. – porque eu não achei muito engraçado... e também porque não tem muito desenho nele...  
 Ent. – você não gostou porque não tinha desenho. E o texto, era legal?  
 Al. – era...  
 (Escola Ana Antônia, aluno William)

É interessante verificar o que os estudantes entendem por leitura. Algumas entrevistas apontam para uma inocente recusa em definir esse ato,

como acontece em (14), ou uma ingênua negativa, como em (15), refletindo talvez a cabeça livre de um menino de 10 anos, distante das teorias da vida:

(14)

Ent. – pra você o que é ler?

Al. – lê... hum... é ler

Ent. – lê é ler?

Al. – é

(Escola Lucas Thomaz Menk, aluna Bárbara, 10 anos)

(15)

Ent. – pra você, Matheus, o que... que é ler?

Al. – ah pssora sei não

Ent. – (risos)

Ent. – você não sabe não?

Al. – não

(Escola João Leão, aluno Matheus, 10 anos)

Todavia, o ato de ler vem boa parte do tempo impregnado do aspecto utilitário da leitura: afinal, é importante “aprender”, segundo a escola se encarregou de ensinar, ao longo da curta vida em salas de aula. De certo modo, a complexidade do ato de ler e as recentes idéias sobre cidadania, divulgadas à exaustão pela mídia e presentes nos documentos legais do final do século XX, explicam esse viés instrutivo e pedagógico, a despeito de tudo o que já se escreveu sobre os perigos que impõe ao alunado. Nos exemplos de (16) a (19), a seguir, em que grifamos trechos expressivos, pode-se ter uma imagem do que acontece na relação entrevistador-entrevistado, às vezes, quanto a esse problema:

(16)

Ent. – e o que é ler pra você?

Al. – ah quando você lê você aprende mais...

Ent. – o que mais que a leitura ajuda?

Al. – você aprende a escrever e a ler também...

(Escola Ana Antônia, aluno William)

(17)

Ent. – o que é ler para você?

Al. – como se alguma coisa tivesse acontecido tem algumas partes que não existe serve para aprender

(Escola Olímpio Cruz, aluna Letícia, 9 anos)

(18)

Ent. – o que é ler para você?

Al. – ler é ter conhecimento, sabedoria ir sabendo cada vez mais e mais coisas

(Escola Américo Capelozza, aluno Lucas, 10 anos)

(19)

Ent. – então tá bom.... e pra você o que é ler?

Al. – lê? assim pra mim ler é assim... que eu aprendo mais e que eu aprendo mais

Ent. – cê aprende mais...  
 Al. – é  
 (Escola Lea Rosa, aluna Andressa, 11 anos)

Curiosamente, o entrevistador – ele próprio envolvido na dimensão utilitária da leitura, talvez por longa convivência com o ambiente escolar – procura involuntariamente conduzir o pensamento infantil para esse lado oposto ao da fruição, ao da leitura *tout court*, ao ler por ler. O menino tenta levar a conversa para um lado, o entrevistador não entende e quase “estraga tudo”:

(20)  
 Ent. – pra você o que... que é ler?  
 Al. – ler é uma atividade assim normal... que eu acho legal... que eu gosto muito... quando eu tenho assim um negócio da escola primeiro eu faço o negócio da escola depois eu leio...  
 Ent. – você lê mais assim pra estudo... qual que é sua preferência?  
 Al. – eu leio mais pra distrair...  
 Ent. – pra se divertir?  
 Al. – é  
 (Escola Arruda Melo, aluno Fabrício, 13 anos)

Nos estudantes ouvidos, em que pese esse quadro nem sempre róseo, emerge a compreensão lúcida da verdadeira função da literatura – preencher a necessidade do ser humano de ficção e de fantasia, do prazer pela palavra – neste belo exemplo de (21):

(21)  
 Ent. – e para você o que é ler?  
 Al. – ler... pra mim ler é sonhar quando você lê uma história que não tem escrita você imagina na sua cabeça... às vezes sonha com essa história... e eu acho legal sonhar...  
 (Escola Ditão, aluna Ana Carolina, 9 anos)

Assim, tendo em vista a discussão sobre a qualidade dos textos infanto-juvenis e os objetivos da literatura para crianças, pode-se evocar a palavra de Zancani (2006, p. 65), quando enfatiza que, “quanto mais a obra se afastar da intenção educativa, mais próxima estará de um texto esteticamente aceitável”.

Procurando traçar um cenário de leitura mais ou menos real, os entrevistadores perguntam às crianças onde conseguem os livros que lêem. Em geral, poucos alunos respondem que os têm em suas próprias casas, como se verifica nos depoimentos (22) e (23):

(22)  
 Ent. – você leva livro pra casa? pra ler? você não pega daqui?  
 Al. – minha mãe tem bastante livro

Ent. – você pega bastante livro dela pra ler? Que tipo de livro que é?

Al. – é... eu pego bastante livro do Harry Potter pra ler

Ent. – qual que você gosta de ler?

Al. – *Harry Potter e a pedra filosofal*, e o resto eu assisti

(A. de Baptista, aluno Vinicius, 10 anos)

(23)

Ent. – e aonde você consegue os livros que lê?

Al. – aqui na biblioteca...

Ent. – você pega livro?

Al. – muitas vezes e também minha mãe compra...

Ent. – você tem livro em casa então?

Al. – tenho...

Ent. – que livro você tem?

Al. – eu tenho do *Patinho feio*... eu tenho um do Monteiro Lobato também... e tenho da *Branca de Neve*... dos *Três Porquinhos*... do *Pinóquio*, tenho bastante livro...

(...)

Ent. – e assim você freqüenta só a biblioteca da escola ou em outros lugares também?

Al. – a biblioteca só aqui da escola...

(Escola Ditão, aluna Ana Carolina, 9 anos)

Nem mesmo conseguem os livros em bibliotecas que não sejam as localizadas nas escolas que freqüentam:

(24)

Ent. – e você freqüenta alguma biblioteca sem ser a da escola?

Al. – não só uma vez que eu fui na biblioteca da cidade com a minha irmã... a minha irmã fez a minha carteirinha mas a gente não gostou de pegar lá aí a gente não foi mais...

(...)

Ent. – e onde você consegue os livros que você lê?

Al. – ali na biblioteca...

Ent. – e na sua casa também tem livro?

Al. – na minha casa tem dois de terror...

Ent. – e tem outro lugar que você pega livro?

Al. – não

(Escola Ana Antônia, aluno William)

Isso quer dizer que, na maior parte dos casos, a biblioteca escolar ainda é o lugar privilegiado para que as crianças se encontrem com os livros, mesmo que, não raramente, o acesso a esse espaço seja problemático. Em recente investigação, Souza (2004, p.9) ressalta que encontrou “crianças afoitas, desejantes de material de leitura, mas impedidas muitas vezes pelo professor ou pela suposta bibliotecária, a levarem o livro escolhido para casa, por não se tratar de um livro adequado para a faixa etária da criança”.

De fato, para boa parte das crianças pesquisadas, o caminho para o livro passa mesmo pela biblioteca. São elucidativos dessa situação os exemplos extraídos da fala dos alunos e transcritos de (25) a (29), abaixo:

(25)

Ent. – eu queria que você dissesse onde consegue os livros?  
 Al. – empréstimo  
 Ent. – aqui na biblioteca?  
 Al. – eh  
 Ent. – tem mais algum lugar que você consegue livro?  
 Al. – tem... no projeto que eu faço  
 Ent. – onde é esse projeto?  
 Al. – ahn... aqui na escola  
 Ent. – ah é? o que é esse projeto? sobre o quê? o que você faz?  
 Al. – eu brinco... eh... a professora ajuda a gente a ensinar também aqueles que não sabe  
 Ent. – então... e os livros aqui na biblioteca... você consegue de que dia... que você pega? qual dia é do empréstimo?  
 Al. – acho que é quarta... quinta... sexta.  
 Ent. – eh?  
 Al. – eh  
 Ent. – de que dia você freqüenta a biblioteca? mais freqüenta?  
 Al. – hum... não sei... que mais freqüento...  
 Ent. – mais de quinta... mais de quarta? ou não tem um dia específico?  
 Al. – não  
 (Escola Juraci Menezes Peralta, aluno Alexandre, 9 anos)

(26)

Ent. – e quando você quer ler o que... que você faz pra conseguir um livro?  
 Al. – ah eu vou na biblioteca  
 Ent. – qual biblioteca você vai?  
 Al. – daqui da escola  
 (Escola João Leão, aluno Matheus, 10 anos)

(27)

Ent. – tá... quando você quer ler o que você faz... você vai na biblioteca pegar um livro você comprar ou você pede emprestado pra alguém?  
 Al. – (levo na mochila) pego na biblioteca  
 Ent. – pega na biblioteca?  
 Al. – é  
 Ent. – e você freqüenta qual biblioteca?  
 Al. – da escola  
 Ent. – só da escola?  
 Al. – é  
 (Escola Lucas Thomaz Menk, aluna Bárbara, 10 anos)

(28)

Ent. – com que freqüência você vem à biblioteca? quantas vezes?  
 Al. – aqui eu nunca vim não porque eu sou aluno novo  
 Ent. – e na escola que você estudava?  
 Al. – eu ia bastante  
 Ent. – e como você fazia pra pegar livro lá?  
 Al. – tinha que dar um cartãozinho pra eles aí eles marcavam e quanto mais livro você pegava aí você ganhava uma medalha no meio de todo mundo  
 (Escola Arruda Melo, aluno Fabrício, 13 anos)

(29)

Ent. – e onde você consegue esses livrinhos?  
 Al. – aqui na biblioteca da escola  
 Ent. – aqui na biblioteca...  
 (Escola Lea Rosa, aluna Andressa, 11 anos)

A freqüência à biblioteca parece ser, para determinados estudantes, apenas uma imposição dos professores:

(30)

Ent. – ah... tá bom... e onde que você consegue esses gibis... esses livrinhos que você lê?

Al. – a patroa da minha mãe que dá... pra nós

Ent. – é? tá... e você costuma freqüentar biblioteca... assim?

Al. – só aqui da escola só

Ent. – é? quantas vezes... mais ou menos?

Al. – só quando a professora manda ler livro

Ent. – é? mas é uma vez por semana... duas... três?

Al. – quando acaba de ler o livro né

(Escola Cleophânia Galvão da Silva, aluno Bruno, 12 anos)

Por outro lado, não é fácil, com os alunos entrevistados, colher dados sobre a freqüência com que eles costumam ler. Desde o primeiro relatório, essa dificuldade já se mostrava, de sorte que as opiniões eram muito divergentes (lembramos que apenas 20,3% dos alunos disseram que liam todo dia). Há respostas beirando o *nonsense*, como a registrada em (31):

(31)

Ent. – e quando você lê esses livros?

Al. – hoje e talvez amanhã...

Ent. – e onde você lê aqui na escola ou na sua casa?

Al. – na minha casa eu leio lá na sala deitado...

(Escola Ana Antônia, aluno William)

De modo inverso, há gente que gostaria de retirar mais livros das bibliotecas, reclamando de sua pouca disponibilidade, como em (32):

(32)

Ent. – e aqui na escola com qual freqüência você costuma ler livros... uma vez por semana ou uma vez por mês...?

Al. – um dia sim um dia não... porque se pode pegar só na quarta aí a gente vai lendo...

(Escola Ana Antônia, aluno William)

Em geral, o hábito de ler é extremamente relativo, solto, sem constância, a levar em conta depoimentos como o de (33):

(33)

Ent. – com que freqüência você lê? Na escola e em casa.

Al. – não tem uma freqüência lê quando dá vontade

Ent. – em qual parte da casa você lê?

Al. – em qualquer uma

Ent. – você lê sentado ou deitado?

Al. – os dois

(Escola Olímpio Cruz, aluna Letícia, 9 anos)

Estranhas “acusações” surgem, como em (34), quando o aluno se queixa da dificuldade em conseguir ler na sala de aula. Desabafa, inclusive,

censurando palavras rudes e atitudes completamente infelizes de certos professores, como a aplicação de provas objetivas, há muito condenadas. Vejamos:

(34)

Ent. – é na sala de aula que você costuma ler livro bastante?

Al. – não

Ent. – você não lê?

Al. – não

Ent. – e quando a professora pede para ler e fazer provinha você não lê?

Al. – não, não quero ler não

Ent. – ai você não lê? e se tiver provinha você não faz?

Al. – ah, eu faço

Ent. – e como que é essa provinha do livro?

Al. – ah eu leio e faço.

Ent. – você lê e faz? ah mais como que é a professora faz pergunta ela manda você fala sobre o livro como que é essa provinha?

Al. – ah ela fala pra fazer X nas coisas e como hoje nós ta trabalhando com monte de coisa quadradinho assim...

Ent. – você vai colocando X na resposta certa?

Al. – é

Ent. – de alternativa?

Al. – é

Ent. – só de alternativa você faz?

Al. – é

(Escola João Leão, aluno Matheus, 10 anos)

Repete-se uma prática antiga, na verdade, em que o trabalho se restringe “a exercícios passivos e esvaziados de significados”, conforme a compreensão de Souza (2004, p.7), ou a “uma prática convencional e mesmo burocrática da escola, que impõe ao aluno a leitura de um livro e cobra dele um questionário com respostas igualmente convencionais” (ANTUNES, 2007, p.171).

Não obstante essa situação, há crianças que lêem em casa e na escola com mais intensidade ou, pelo menos, com certa regularidade. É o que dizem Lucas, em (35), e Bárbara, em (37):

(35)

Ent. – na escola com que freqüência vocês lêem? e em casa?

Al. – todos os dias e em casa uma ou duas vezes na semana  
(Escola Américo Capelozza, aluno Lucas, 10 anos)

(36)

Ent. – e você costuma ler assim... todos os dias... ou um dia sim outro não... uma vez por mês?

Al. – todo dia né... mas as vezes que eu to ocupada eu não leio...

Ent. – você costuma ler que horas?

Al. – ah uma hora da tarde... duas horas até meia noite e meia quando não estou com sono...

(Escola Ditão, aluna Ana Carolina, 9 anos)

(37)

Ent. – na escola você costuma ler livro?  
 Al. – costume  
 Ent. – bastante?  
 Al. – ahan (na sexta)  
 Ent. – por que na sexta?  
 Al. – (porque na sexta nós vamos na sala de leitura)  
 Ent. – na sexta feira vocês têm aula de leitura... é na biblioteca?  
 Al. – não... na sala de leitura  
 (...)  
 Ent. – e como é a aula de leitura?  
 Al. – tem um monte de livro... você pega um e lê  
 Ent. – tem umas estantes você que escolhe e lê?  
 Al. – é  
 Ent. – depois a professora pede pra você fazer alguma coisa?  
 Al. – não  
 Ent. – só pra ler mesmo  
 Al. – só pra ler  
 (Escola Lucas Thomaz Menk, aluna Bárbara, 10 anos)

Mesmo que a motivação não seja muito elogiável:

(38)  
 Ent. – e com que frequência que você costuma ler?  
 Al. – ah... quando não tem nada pra fazer em casa  
 Ent. – isso quando que é? quase sempre... todo dia?  
 Al. – à noite... quando eu vou dormir  
 (Escola Cleophânia Galvão da Silva, aluno Bruno, 12 anos)

A convivência com extenso material escrito, nas escolas e nas casas, pode ajudar a explicar a situação de maior ou menor envolvimento com a leitura, por parte das crianças. Nas entrevistas, a presença de jornais e revistas foi investigada, destacando-se algumas respostas a seguir. Primeiramente, ressaltamos casos em que jornais e revistas são assinados ou comprados pelos pais ou irmãos:

(39)  
 Ent. – na sua casa, você, sua família, recebe algum jornal, alguma revista?  
 Al. – sim, a revista *Veja* e o jornal de manhã, diário  
 (Escola Olímpio Cruz, aluna Letícia, 9 anos)

(40)  
 Ent. – e assim... na sua casa chega algum jornal?  
 Al. – chega  
 Ent. – você lembra o nome?  
 Al. – tem... *O Estado de S. Paulo*... o *Oeste Notícias*... e isso  
 Ent. – e você lê jornal?  
 Al. – leio  
 Ent. – você gosta de ler jornal?  
 Al. – gosto  
 Ent. – você acha importante?  
 Al. – acho  
 Ent. – você aprende bastante lendo jornal?  
 Al. – aprendo  
 Ent. – eh? Que legal... eu também gosto de ler jornal... e revista? você gosta de ler revista?



Al. – gosto  
 Ent. – que tipo de revista você gosta de ler?  
 Al. – *Pokémon, Pokemon?*  
 Ent. – e na sua casa... além de *Pokemon*... qual revista tem? tem alguma outra revista... que assina?  
 Al. – não  
 Ent. – que chega... que alguém compra?  
 Al. – nunum  
 Ent. – não?  
 Al. – não  
 Ent. – ah tá... mas você gosta de ler revista? se você vê uma revista você gosta de ler?  
 Al. – gosto  
 (Escola Juraci Menezes Peralta, aluno Alexandre, 9 anos)

(41)  
 Ent. – ah... tá bom então... e na sua casa chega algum jornal... alguma revista?  
 Al. – revista que a minha irmã fica comprando... aquele lá de... pra ver negócio de moleque... essas coisas  
 Ent. – aí você dá uma lidinha também?  
 Al. – é  
 Ent. – e o quê que você gosta de lá da revista?  
 Al. – ah... eu gosto das poesia que tem lá... tem muitas poesia  
 Ent. – você lembra o nome de alguma?  
 Al. – ah... acho que é o conto de alguma coisa assim  
 (Escola Cleophânia Galvão da Silva, aluno Bruno, 12 anos)

(42)  
 Ent. – na sua casa chega algum jornal ou alguma revista?  
 Al. – se chega?  
 Ent. – é  
 Al. – chega  
 Ent. – qual?  
 Al. – ah... do... do município  
 Ent. – jornal de Assis...  
 Al. – jornal de Assis...  
 (Escola Lucas Thomaz Menk, aluna Bárbara, 10 anos).

(43)  
 Ent. – na sua casa tem revista ou jornal?  
 Al. – tem revista  
 Ent. – seus pais assinam?  
 Al. – não... eles compra na banca  
 Ent. – e que revista que eles compram?  
 Al. – a revista *Veja*  
 Ent. – e é seu pai e sua mãe que lêem?  
 Al. – é... mais meu pai, ele gosta muito de lê  
 (Escola Amilcare Mattei, aluna Jéssica, 11 anos)

(44)  
 Ent. – ah tá... tudo bem, então na sua casa chega revista, jornal...  
 Al. – chega revista  
 Ent. – revista... qual revista?  
 Al. – ah é que chega assim pro meu pai... só que daí eu que leio  
 Ent. – você que lê... que revista que é?  
 Al. – ah é... fala... é revista assim  
 Ent. – revista... *Veja* essas coisas?  
 Al. – não essas não... é assim de motorista

(Escola Lea Rosa, aluna Andressa, 11 anos)

Frise-se a preocupação do entrevistador, no fragmento (40), em, uma vez mais, extrair da criança resultados práticos, voltados para “aprender” com a leitura.

Normalmente, as crianças não têm contato com esses portadores de texto, nas casas (no primeiro relatório, de cunho quantitativo, 75,9% das respostas davam conta de que não recebiam jornais e revistas), mas eles estão sempre relacionados com a escola ou com algum projeto específico, conforme já verificamos, ao comentar a biblioteca escolar como espaço de leitura. Segundo confirma Carvalho, em nosso país, “a instituição escolar é, para a grande maioria da população, o único espaço em que é possível estabelecer a interação com o livro de literatura” (2006, p. 128).

Vejam-se alguns exemplos de respostas dos alunos:

(45)

Ent. – e na sua casa chega algum jornal ou revista?

Al. – não... só às vezes eu pego revista *Veja* e *Globo* lá do projeto [da escola] aí depois eu devolvo...

(Escola Ana Antônia, aluno William)

(46)

Ent. – na sua casa chega algum jornal, revista? às vezes seus pais compram no domingo?

Al. – não

(Escola Américo Capelozza, aluno Lucas, 10 anos)

(47)

Ent. – na sua casa chega jornal ou revista?

Al. – não

Ent. - mas você lê jornal e revista?

Al. – leio revista às vezes

Ent. – que tipo de revista?

Al. – ah esqueci agora

Ent. – mas fala sobre o quê?...sobre ciência sobre carro sobre coisas de adolescente?

Al. – sobre carro sobre essas coisas

(Escola Arruda Melo, aluno Fabrício, 13 anos)

É interessante notar, novamente, certo alheamento das crianças, nas respostas que pressupõem liberdade de escolha ou questões pessoais. Fabrício, em (47), afirma ler revistas, “às vezes”, mas “se esquece” de que tipo elas são... Questionado pelo entrevistador, acompanha a última idéia – “sobre carro, sobre essas coisas”.

Considerando que, no caso de leitores assíduos, a atmosfera de mergulho na leitura boa parte das vezes começa na primeira infância, com pais e mães contando histórias ou lendo livros para os filhos e, assumindo, portanto, o papel de modelos de leitura, investigamos que espécie de contato as crianças tiveram com a leitura, ainda pequeninas. As respostas indicaram que a maioria (na parte quantitativa, descrita no primeiro relatório, nada menos que 64,9%) conviveu com histórias, lidas ou contadas em casa. Acompanhem suas respostas:

(48)

Ent. – e pra você eles [isto é, seus pais] lêem?

Al. – não

Ent. – mas eles liam quando você era menor?

Al. – liam

Ent. – o que eles liam pra você?

Al. – ah, liam folclore, essa coisas historinhas

Ent. – eles contavam as historias pra você? por que hoje eles não contam mais?

Al. – ah, porque tem vezes que eu leio os livros, também

Ent. – ah, então você lê então eles não contam mais?

Al. – é...

Ent. – você queria que eles continuassem contando historia pra você ou não?

Al. – não (tá bom assim)

(A. de Baptista, aluno Vinicius, 10 anos)

(49)

Ent. – você gosta de ouvir história?

Al. – gosto

Ent. – gosta? quando você era pequeno... alguém contava... lia história pra você?

Al. – minha mãe e minha vó

Ent. – sua mãe e sua avó?

Al. – eh

Ent. – você lembra das histórias que elas contavam?

Al. – nunum

Ent. – não lembra?

Al. – eu era pequenininho

Ent. – você era pequenininho... uhn... mas assim e agora... alguém conta história pra você?

Al. – nunum

Ent. – nem lê... nada? não te ajuda a ler a história?

Al. – só eu leio

Ent. – só você?

Al. – só

Ent. – ah tá... você gostaria de que lessem... que alguém contasse história pra você? sua mãe?

Al. – queria

Ent. – queria? que tipo de história você gostaria que ela contasse?

Al. – conto de fadas

(Escola Juraci Menezes Peralta, aluno Alexandre, 9 anos)

(50)

Ent. – e quando você era pequeno alguém contava história para você?

Al. – não  
 Ent. – não, nunca ninguém contou historia pra você?  
 Al. – só minha mãe quando meu pai trabalhava no aeroporto ai ela contava *Os três porquinhos*  
 Ent. – *Os três porquinhos* e o que mais?  
 Al. – ah *Os três porquinhos*, a *Chapeuzinho Vermelho*, ah o resto não sei a não alembro mais  
 Ent. – e você gostava?  
 Al. – gostava  
 Ent. – e hoje tem alguém que conta historinha para você?  
 Al. – ah a professora só  
 (Escola João Leão, aluno Matheus, 10 anos)

(51)  
 Ent. – e quando você era pequeno alguém contava história pra você?  
 Al. – não  
 Ent. – ninguém contava?  
 Al. – não  
 Ent. – e agora alguém conta?  
 Al. – minha mãe... porque eu morava com a minha vó  
 Ent. – ah tá... sua mãe conta?  
 Al. – minha mãe conta... às veiz  
 Ent. – e você lembra de alguma... assim... que você gosta?  
 Al. – não lembro muito não  
 (Escola Cleophânia Galvão da Silva, aluno Bruno, 12 anos)

(52)  
 Ent. – quando você era pequena alguém contava histórias pra você?  
 Al. – contava  
 Ent. – quem contava?  
 Al. – minha mãe  
 Ent. – você lembra que historinhas ela contava?  
 Al. – não  
 Ent. – e hoje tem alguém que conta história pra você?  
 Al. – não...  
 Ent. – só você?  
 Al. – só eu  
 Ent. – você não gosta que ninguém conte história ou você prefere ler?  
 Al. – prefiro ler  
 (Escola Lucas Thomaz Menk, aluna Bárbara, 10 anos)

(53)  
 Ent. – ah tá... entendi - e quando você era pequena assim alguém lia história pra você ou contava?  
 Al. – (disse que sim, com a cabeça)  
 Ent. – quem contava?  
 Al. – minha mãe  
 Ent. – sua mãe... e cê tinha alguma que você gostava?  
 Al. – tinha  
 Ent. – tinha... qual que é?  
 Al. – da *Branca de Neve*  
 Ent. – da *Branca de Neve*... ah tá bom... e agora tem alguém que conta história pra você?  
 Al. – não eu que... leio  
 (Escola Lea Rosa, aluna Andressa, 11 anos)

(54)

Ent. – quando você era pequena alguém contava ou lia historinha para você?  
 Al. – contava...  
 Ent. – quem?  
 Al. – minha mãe... meu pai minha avó...  
 Ent. – e que historinha eles te contavam?  
 Al. – minha mãe contava do *Cachinho Dourado*... da *Branca de Neve*... do *Patinho feio* e muitas outras histórias por aí...  
 Ent. – qual você gostava mais?  
 Al. – do *Cachinho Dourado*...  
 Ent. – você lembra como é a história?  
 Al. – igual esses livros que a gente lê agora...  
 Ent. – e ela lia como para você? que horário... na hora de dormir?  
 Al. – é... na hora que eu ficava agitada... aí ela pegava falava que eu tava agitada... que era para eu tomar um banho que ela ia deitar comigo e ela sempre ia ler uma historinha pra mim...  
 Ent. – ela lia também na hora de dormir?  
 Al. – lia...  
 Ent. – e a sua avó que historinha que ela te contava?  
 Al. – a minha avó... ah a minha avó não me contava não... esqueci...  
 Ent. – e hoje alguém conta história para você?  
 Al. – minha mãe também conta...  
 Ent. – que histórias que ela conta... são diferentes daquelas?  
 Al. – são diferentes daquelas... agora ela só ta lendo qual que eu pego aqui na biblioteca...  
 Ent. – ah você pega leva para casa e ela lê com você?  
 Al. – é... nós duas lê né... eu leio uma parte e ela lê outra... daí a gente treina leitura estuda junto... dorme juntas...  
 Ent. – ah legal...  
 (Escola Ditão, aluna Ana Carolina, 9 anos)

No fundo, tendo em vista as entrevistas realizadas, são poucas as crianças cujos pais não liam nem contavam histórias. Eis dois depoimentos:

(55)  
 Ent. – e quando você era pequenininho alguém contava histórias pra você?  
 Al. – não...  
 Ent. – nem pra dormir?  
 Al. – não  
 Ent. – e hoje em dia alguém conta histórias pra você?  
 Al. – também não...  
 Ent. – nem a professora?  
 Al. – não, ela pede pra alguma pessoa ler...  
 (Escola Ana Antônia, aluno William)

(56)  
 Ent. – quando você era menor alguém lia ou contava história pra você?  
 Al. – não  
 Ent. – nem hoje?  
 Al. – nem hoje  
 (Escola Arruda Melo, aluno Fabrício, 13 anos)

Neste ligeiro balanço qualitativo dos depoimentos dos alunos, que é ainda uma análise preliminar do significativo conjunto de dados disponíveis, talvez o primeiro aspecto que se deva ressaltar é de que, ao contrário do que

possam alardear os apocalípticos de primeira hora, o universo da leitura na escola pública paulista não é sinônimo pacífico de terra devastada e para a qual não há possibilidade alguma de superação.

Como se pôde constatar em diversos momentos da análise, há numerosos depoimentos que demonstram que muitos sujeitos, ainda que não necessariamente respeitando protocolos cristalizados e associados ao letramento, mais especificamente ao letramento literário, estão, sim, mergulhados no universo da leitura; por esse universo manifestam apreço; constróem acerca da literatura, da leitura e da escrita representações originais, valorativas e, por vezes, mesmo poéticas; possuem algum tipo de repertório de leitura de obras inseridas em diferentes gêneros (mesmo que não os hegemônicos para uma certa tradição escolar, como no caso dos *quadrinhos*); revelam alguma assiduidade na prática leitora; encontram na biblioteca escolar uma fonte importante para ter acesso a livros de sua preferência, bem como a outros portadores de texto necessários aos leitores em formação (como jornais e revistas); têm na família importantes modelos de leitores (o pai, a mãe ou os avós); ouviram histórias na primeira infância; estes, entre outros aspectos.

No conjunto, põem em evidência que, mesmo que de modo não totalmente consolidado ou orgânico, existe um universo de letramento no qual os estudantes em pauta estão inseridos e ele é rico, multifacetado e dinâmico. Ainda que não se venha conseguindo atingir de forma plena a formação de leitores que dominem verticalmente diversas competências, como as aferidas pelo PISA (2003), tais como o levantamento de informações, a compreensão, a interpretação e a reflexão sobre os textos, na sua correlação com a produção escrita e com os conhecimentos lingüísticos, nos últimos anos têm sido dados passos importantes nessa direção, cujos reflexos se fazem presentes hoje no discurso e nas práticas dos estudantes, isso, em contrapartida à improvisada democratização do ensino que se instaurou no país a partir da década de 70.

Visto por um outro ângulo, entretanto, o conjunto de dados analisado aponta para alguns aspectos que, de um modo geral, estariam na base de impasses substantivos para que se consiga atingir patamares minimamente aceitáveis no âmbito do letramento, seja pela sinalização que oferece o PISA a esse respeito, seja no que tange a inúmeras outras dimensões cotidianas e pragmáticas (profissional, pessoal, política etc.) em que a ausência de práticas

leitoras consistentes gera continuamente problemas, contradições e conseqüências das mais negativas.

O primeiro aspecto que merece destaque é um certo *caráter fragmentário*, de cunho bastante geral, que permeia o conjunto das práticas leitoras. Verifica-se – e talvez não seja característica exclusiva do universo da leitura, mas traço típico de nossa época – uma relação bastante atomizada que os sujeitos mantêm com o objeto *leitura*, traduzida por uma atenção vaga e flutuante em relação às obras lidas, pela pulverização de títulos e gêneros, pela superficialidade da apreensão dos textos, pela gratuidade geral que parece abarcar o processo.

Um outro aspecto que se revela marcante e digno de nota é o da profunda *escolarização* que contamina esse universo do letramento, no sentido pejorativo do termo, associando-o a uma tradição de práticas coercitivas, arbitrárias e artificiais, que dão corpo a um utilitarismo rasteiro, de resultados já há muito postos em xeque e particularmente desastrosos quando voltados à produção artística, como é o caso dos textos literários, nosso foco preferencial de interesse. Percebe-se que inúmeros jovens pesquisados introjetaram essa visão, instrumentalizando as obras literárias, buscando a torto e a direito “mensagens”, tópicos a serem aprendidos, propósitos edificantes, ensinamentos de toda a ordem, modelos de bom comportamento a serem imitados, mesmo que os textos lidos não comunguem dessa natureza pedagogizante e só com muito malabarismo interpretativo, geralmente bastante forçado, possam ser submetidos a esse tipo de leitura. E é curioso, pois se trata de aspecto tão enraizado na nossa cultura, que mesmo alguns entrevistadores, nossos alunos universitários, que vêm debatendo o tema conosco há já bastante tempo e lendo textos teóricos que reiteram e alertam insistentemente para essa questão, vez por outra se deixaram cair na armadilha escolarizante e acabaram por induzir os entrevistados pela mesma vereda.

Um último aspecto que se quer aqui enfatizar, e em estreita relação com os dois anteriores, é o de que, embora se verifique uma série de atividades que estão sendo implementadas no universo da escola pública, bem como de recursos humanos e materiais continuamente mobilizados, existe uma séria *dispersão de objetivos e de práticas*, que parece não permitir que se

atingam as metas que se quer alcançar no que diz respeito à formação de leitores e produtores de textos. Inferem-se grandes dificuldades na definição clara dos objetivos que se quer atingir e na ausência de uma sistematização efetiva de muitas ações e procedimentos implementados em prol da leitura, perdendo-se o foco que deveria se voltar centralmente para a questão da prática da leitura e da produção de textos na escola, de modo a buscar, para ambas as atividades, motivações autênticas, verdadeiras, desautomatizadas.

É tendo em vista o quadro apresentado, em que se procura levar em conta, portanto, uma situação de letramento instaurada, mas ainda de todo não consolidada a ponto de reverter na formação maciça de leitores e produtores de textos plenamente autônomos e competentes, que se pretende planejar e realizar as próximas atividades do Projeto, voltadas, então, à capacitação de professores de Ensino Fundamental da região e à conseqüente implementação de práticas de leitura e produção de textos junto aos estudantes.

## Referências

ANTUNES, B. Literatura na escola: disciplina e prazer. In: CECCANTINI, J. L. C. T.; PEREIRA, R. F. (Orgs.) *Narrativas juvenis: outros modos de ler*. São Paulo: UNESP; Assis: ANEP, 2008, p. 149-173.

CARVALHO, D. B. A. A leitura da literatura na escola: o lugar da criança como sujeito sócio-histórico. In: AGUIAR, V. T.; MARTHA, A. A. P. (Orgs.) *Territórios da leitura: da literatura aos leitores*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2006, p. 127-141.

PISA. *Conhecimento e atitudes para a vida: resultados do PISA 2000 – Programa Internacional de Avaliação de estudantes/OCDE*. Organização para a cooperação e desenvolvimento econômicos. Tradução B&C revisão de textos. São Paulo: Moderna, 2003.

SALES, J. B. Monteiro Lobato na escola do século XX: a presença do escritor nas aulas de literatura, em Mato Grosso do Sul. In: AGUIAR, V. T.; MARTHA, A. A. P. (Orgs.) *Territórios da leitura: da literatura aos leitores*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2006, p. 143-164.

SINGLY, François de. *Lire à 12 ans: une enquête sur les lectures des adolescents*. Paris: Nathan, 1989.

SOUZA, R. J. Biblioteca escolar: espaço privilegiado para ler? In: CECCANTINI, J. L. C. T.; PEREIRA, R. F.; ZANCHETTA JÚNIOR, J. (Orgs.) *Pedagogia Cidadã: Cadernos de Formação – Língua Portuguesa*. São Paulo: UNESP, 2004, volume 2, p. 5-16.



ZANCANI, C. A visão premiada da infância: a legitimação do livro infantil. In: AGUIAR, V. T.; MARTHA, A. A. P. (Orgs.) *Territórios da leitura: da literatura aos leitores*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2006, p. 57-68.